

MAYRA RODRIGUES
ROSANA DE LIMA SOARES



MAYRA RODRIGUES

é professora titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e autora de, entre outros, *Comunicação e Identificação: Ressonâncias no Jornalismo* (Ateliê).

ROSANA DE LIMA

SOARES é professora do Departamento de Jornalismo e Editoração e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP e autora de *Margens da Comunicação: Discurso e Mídias* (Annablume/Fapesp).

Sobre a confluência das linguagens nas mídias digitais

RESUMO

Neste artigo procuramos mostrar uma natureza híbrida que caracteriza a linguagem e se desdobra nas inúmeras linguagens, definidas pelo seu suporte ou pelo aparato sensório implicado em sua produção e captação. Tal natureza se mostra, hoje, com a confluência de diversas linguagens na dimensão do ciberespaço. Visando comprovação, e até um benefício obtido dessa confluência, relatamos experiências didáticas, desenvolvidas em nossas disciplinas para a graduação. Trata-se de nossa adoção, como espaço em que os alunos possam realizar seus trabalhos, de ferramentas hipertextuais, como *wiki* e *blogs*. Trata-se de um uso do ciberespaço como instrumento de expansão de recursos, que funciona como incentivo à criatividade, à produção colaborativa e à criação de momentos textuais ímpares.

Palavras-chave: linguagens, confluência, hipertexto.

ABSTRACT

In this paper we intend to show a hybrid nature that characterizes language and which unfolds into various other languages, defined by their supports or sensorial apparatuses employed in their production and reception. Nowadays such nature reveals itself through the confluence of different languages in cyberspace. To prove that, and also to benefit from such confluence, we describe educational experiences conducted in our undergraduate courses. We made use of hypertextual resources such as wikis and blogs as a space for students to shape up their papers. Our works has to do with the use of cyberspace as an instrument for expanding resources, and which functions as a stimulus to creativity, collaborative production and to the creation of unique textual moments.

Keywords: languages, confluence, hypertext.

DUAS NATUREZAS



Um dia, Lyotard questionou: “*Qu’appellera-t-on humain dans l’homme, la misère initiale de son enfance ou sa capacité d’acquérir une ‘seconde’ nature qui, grâce au langage, le rend apte au partage de la vie commune, à la conscience et à la raison adultes?*”¹ (Lyotard, 1988, p. 11).

Ora, essa é uma colocação retórica, pois a pergunta transporta consigo uma resposta e até expõe os efeitos que justificam a única assunção possível: somos seres de linguagem, formados nela – conformados por ela.

Em algum ponto temporal próximo à data de 1.500.000 anos atrás, marcação para o surgimento do *Homo erectus*, nasce o humano ao aceder à ordem simbólica que lhe é peculiar, pois, acompanhando uma fisiologia que lhe é propícia, desponta a linguagem.

Aqui, quando empregamos a palavra “linguagem” no singular, fazemos referência a um momento a partir do qual o ser humano é capaz de se comunicar de uma forma que lhe é própria, uma vez cientes que estamos de que a natureza inteira se comunica, que o trânsito de sinais é básico e abrangente a ponto de ter gerado, nas últimas décadas, uma linha especial de estudos sob a rubrica biossemiótica.

Todos os outros animais emitem sinais, de acordo com o que seus instintos pedem e segundo as circunstâncias do entorno em que vivem. No entanto, nunca chegaram a percorrer o trajeto da produção do fogo à produção das tecnologias digitais.

Nesse caso, resta então definir a especificidade dos sinais gerados pelos humanos, especificidade que caracteriza a linguagem e lhe confere uma segunda natureza. Nossos signos são suficientemente abstraídos de seu contexto e, desligando-se do referente, operam não somente em sua ausência, mas também em lugares e tempos não correlacionados.

Na verdade, eles tanto se desprendem das condições materiais no mundo que proliferam em modulações emprestadas, e de caráter cultural, portanto, extrínsecas ao referente. É por isso que podemos conceber dragões, pensar a liberdade, raciocinar explicitando inclusões e exclusões.

Nossos signos trabalham em descontinuidade: a diferença de um sinal em relação aos outros é tão relevante quanto sua diferença em relação ao objeto de sua representação. E, enfim, nossos sinais/signos permitem uma combinatória inesgotável entre si, combinatória que é, também, de natureza absolutamente distinta das combinatórias do mundo físico e consiste na essência da geração de linguagem. Essas são as condições para uma produção que permitirá a criação de conceitos, a descrição de relações lógicas e, por extensão, todo o universo em que nos locomovemos, a saber, a realidade da humanidade.

Contudo, lá na origem, o sinal que normalmente chamamos de signo, ainda que conservando essas características e propriedades, pode ter sido de diversas naturezas. Dado que não podemos recorrer a registros, especulamos, projetamos e comparamos algumas posições.

Para alguns, o gesto foi inaugural, fazendo as vezes, por exemplo, do animal a ser abatido. Para outros, a origem está num grunhido identificado como significativo do animal referido. Tal grunhido é visto como prenúncio da fala, a ser configurada e organizada nas línguas vindouras. Há também os que anotaram a precedência do ouvido sobre todos os outros sentidos, como o fez Debray (1994, p. 275), pois ainda como feto uma criatura ouve. Essa precedência fez com que vários pensadores apostassem na redução dos outros suportes a formas do ouvir.

Há ainda os que veem a escrita como a originária natureza da linguagem. Nesse caso, trata-se da escrita tomada enquanto traço, no sentido que lhe emprestou Jacques Derrida, enquanto uma marca qualquer, legível como representativa de algo: do trajeto

1 “Que chamaremos de humano no homem, a miséria inicial de sua infância ou sua capacidade de adquirir uma ‘segunda’ natureza que, graças à linguagem, o torna apto ao compartilhamento da vida em comum, à consciência e à razão adultas?”.

assinalado, do número de feras enfrentadas, da localização preferencial...

Ora, essas hipóteses tendem a se transformar em querelas, já que não podem ser resolvidas/demonstradas, já que não há dados suficientes, ao menos até o momento, para uma comprovação.

Por um lado, se as querelas assinalam a irresolução, no caso dessa que estamos descrevendo, devemos perceber que elas assinalam, também, categorias distintas, arroladas segundo o suporte ou meio que permitiu a atualização da linguagem. É, assim, que falamos de linguagem no singular, em referência ao momento de sua emergência, mas desde sempre estamos num universo plural: as linguagens.

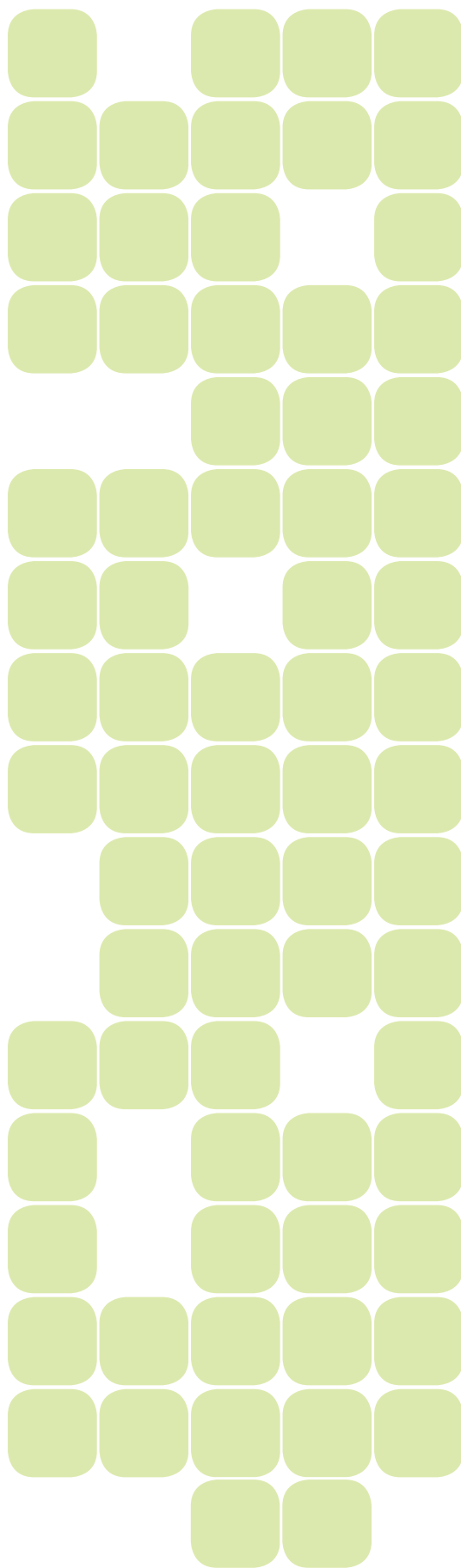
Determinadas que são pela natureza de seu suporte, as linguagens se mostram em várias terminologias: visuais, verbais, audiovisuais, imagéticas, gestuais, sonoras, numéricas, etc. A rigor, essas classificações oscilam entre serem definidas pelo meio que as realiza e pelos aparelhos sensórios, ou dispositivos cerebrais, que permitem tanto sua elaboração quanto sua captação.

Por outro lado, as querelas em torno da natureza dos signos enunciam as que se estenderam no decurso da história de nossa civilização.

Ao longo da história, as propriedades de um suporte foram argumentos para discriminação de outros. Houve uma valorização da precisão, um expurgo da equívocidade, como se esta não fosse, também, uma das propriedades da linguagem e uma das condições de seu potencial de criação, desdobramento e proliferação.

Houve um tempo em que importava a matemática, como exemplo de univocidade a iluminar os caminhos da razão; houve um tempo em que, como elaborou Platão, a escrita foi considerada perniciosa, um declínio da razão edificada nos diálogos. E por muito tempo, tempo que se estende a nossas contemporâneas considerações sobre a sociedade do espetáculo, houve um repúdio à imagem.

Tanto em relação ao intento de univocidade ou contenção, a que as imagens sempre escapam, quanto em relação à



exacerbação da presença das imagens, com o privilégio que lhes é dado em nossa contemporaneidade, as palavras de Michel Maffesoli (1995, p. 138) exprimem o teor da abjeção com que foram conduzidas: “A imagem, nesse sentido, não é de maneira alguma uma duplicação da realidade, ela tampouco é o reflexo de uma infraestrutura à qual pertenceria toda a realidade. É antes um buraco sem fundo, um sol negro que pode cegar”.

Por fim, as querelas mencionadas anunciam um outro fator. É possível que elas permaneçam controversas não tanto pela falta de comprovação, mas simplesmente porque, uma vez estabelecida a propriedade de aquisição de linguagem, suas características nos permitem considerar que as naturezas diversas dos meios e sentidos, que constituem a natureza das diversas linguagens, estavam lá, de uma única vez. A rigor, para efeitos dessa lógica, qualquer meio era igualmente eficiente e viável, fato que nos leva a assumir a possibilidade da concomitância.

Ora, conseqüentemente, enuncia-se a hipótese de que a diversidade estava inscrita no processo inicial e que, desde sempre, havia uma multiplicidade em correlação. Assim, não devemos nos surpreender com o fato de que, depois de séculos de contendas, tenhamos, hoje em dia, uma confluência, em virtude das tecnologias digitais, em que as linguagens se mostram em seu caráter múltiplo e em sua possibilidade de coabitação.

No caso da imagem, por exemplo, em contrapartida ao temor das significações instáveis e da impossibilidade de aproximação ao estatuto da matemática, somos confrontados, hoje em dia, com a imagem que é produto de uma linguagem numérica.

Claro que a imagem assim obtida é uma imagem matriz, passível de toda intervenção ou construção, mas isso tornou-se irrelevante no quadro das tecnologias de informação e comunicação (TICs) que povoaram nosso cotidiano e moldaram nosso *modus operandi*.

Contudo, importa aqui anotar a importância dessa confluência para quem se dedica

ao magistério. Pela primeira vez, depois de longo trajeto, podemos unir as linguagens no tratamento das aulas assim como nos trabalhos que solicitamos aos alunos.

UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

De início, perguntaríamos se estes, aula e trabalho, representam mera adequação aos tempos modernos – dançar conforme a música. Certamente não paramos no tempo. Procuramos incorporar todo dado, todo recurso disponível: faz parte da docência responsável, faz parte da procura por excelência didática.

Ao mesmo tempo, podemos mostrar um ganho substancial, para aluno e professor, com a adoção de ferramentas de hipertexto. Desde 2005 implementamos atividades, em nossas disciplinas², que lançam mão das disponibilidades da Internet. Notamos, nessas atividades³, uma crescente confluência de linguagens no que diz respeito aos discursos midiáticos, pois a utilização de sons, imagens, textos e, sobretudo, a possibilidade de explorar *hyperlinks*, colaboração e interatividade propiciam a criação de hipertextos diferenciados. Tais singularidades se fazem presentes pelo fato de essas produções textuais conjugarem não apenas o objetivo específico para o qual foram desenvolvidas, mas a abertura de outros espaços na Internet; dessa forma, propiciam uma inserção concreta e também uma reflexão sobre a cibercultura e seus efeitos de sentido.

Em relação às transformações de linguagens, especialmente se considerarmos as mídias digitais, os temas teóricos presentes nessas atividades tratam de conceituação e aplicação de noções relacionadas à produção textual e hipertextual, especialmente em textos jornalísticos. Essa é uma questão fundamental: ao tratar da definição de texto nos campos da literatura e da comunicação, desenvolvemos um percurso que aponta as transformações desse conceito até chegar ao seu formato hipertextual, com destaque para os *hipertextos digitais*. Assim, experimentando possíveis caminhos para

2 As disciplinas referidas são ministradas no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP, a saber: “Ciências da Linguagem: Fundamentos das Práticas Midiáticas”, módulos I, II, III e IV.

3 Como parte dessas atividades, os alunos das disciplinas citadas deveriam realizar, ao longo do semestre, a criação de *websites*. No caso da experiência relatada, os sites foram desenvolvidos em formato *wiki* ou *blogs*, e deveriam trazer, como conteúdo, a análise crítica de produtos e/ou processos midiáticos.

uma produção hipertextual, buscamos: 1) aprofundar a compreensão da noção de (hiper)texto em suas relações com o fazer jornalístico; 2) apresentar os procedimentos jornalísticos de produção e edição (hiper) textual; 3) realizar atividades de escrita e análise de (hiper)textos jornalísticos.

A partir do conceito de texto e de textualidade (Barthes, 1988; Eco, 2002) em suas relações com a questão da autoria e os limites da intervenção na produção escrita, chegamos à noção de hipertexto e suas possibilidades. Algumas temáticas se fazem relevantes nesse recorte: os chamados “discursos legitimadores”, especialmente a literatura e o jornalismo (Foucault, 1992), em sua relação com as mídias; a articulação da informação no texto jornalístico (Quérè, 1982); a informação jornalística como ciência-ficção, forma cultural e arena simbólica (Gans, 2003; Schudson, 1995); as transformações na escrita e nas relações entre autor e leitor a partir do advento do hipertexto (Chartier, 1998); os recursos da digitalização em suas diferentes técnicas e desdobramentos (Lévy, 1996); a problematização da linearidade textual a partir de textos não lineares (Wertheim, 2001); as especificidades das narrativas hipertextuais em seu caráter verbal e visual (Murray, 2003); as formas de edição de texto e de reorganização de sentidos nos hipertextos (Bolter & Grusin, 1999); a criação e a transcrição de hipertextos nas mídias digitais (Manovich, 2001); os processos de convergência das mídias (Jenkins, 2008).

Tratando de conceitos diretamente relacionados aos discursos jornalísticos, além de explorar questões relativas ao campo da argumentação, buscamos estimular a construção de *websites* na Internet que possam operacionalizar os fundamentos em torno de uma proposta de *crítica das mídias*. Notamos o esforço, por parte dos alunos, em articular a questão das tecnologias (vídeos, áudios, textos) com a análise de produtos midiáticos diversificados (televisuais, impressos, audiovisuais e digitais).

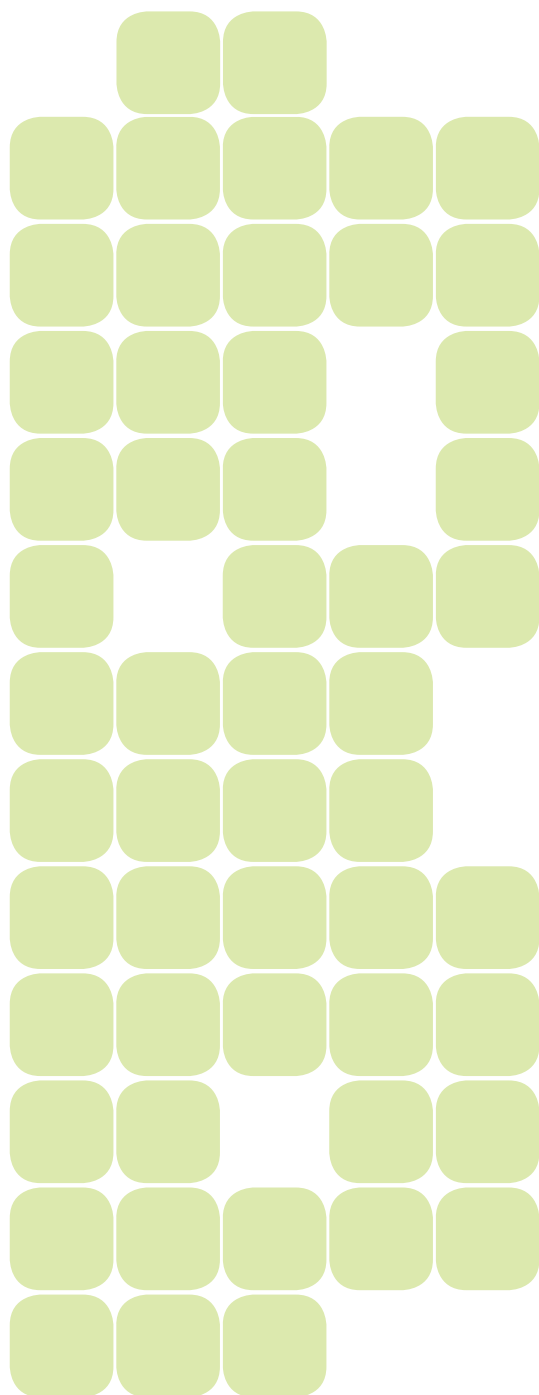
A fim de demonstrar, portanto, as relações entre linguagem, mídias e tecnologias, os *sites* criados pelos alunos apresentam

uma estrutura narrativa não linear, combinando as diversas linguagens presentes nas mídias digitais e suas especificidades em diferentes formatos (CD-roms, *blogs*, *sites*, *games*, além de ferramentas de escrita colaborativa). Destacamos como ponto fundamental dessa experiência a possibilidade de armazenar e disponibilizar os textos na Internet, constituindo um arquivo virtual das produções realizadas pelos alunos que pode ser acessado por qualquer leitor. Dessa maneira, atingimos uma outra etapa na atividade proposta, qual seja, expandir o uso de ferramentas de produção hipertextual e coletiva para seu caráter público e comunitário, não restrito apenas a um grupo demarcado de usuários.

Visando, portanto, a experimentar (e vivenciar) as transformações das linguagens hipertextuais em rede, desenvolvemos nos anos de 2006, 2007 e 2008 uma proposta inovadora: a partir da organização de grupos de trabalho, os alunos criaram *websites* voltados à crítica das mídias, em formato *wiki* ou em forma de *blog*. Para isso escolheram um tema ou uma publicação específica (mídia impressa, audiovisual ou digital) para acompanhá-lo ao longo de dois meses. A utilização de recursos interativos e hipertextuais nos *sites* é um ponto central nessa atividade, além da combinação de linguagens diversas em sua realização.

Os resultados alcançados superaram em muito nossas expectativas, apontando para a dinâmica singular e multifacetada que vemos surgir na Internet⁴. Entre os elementos destacados no processo de elaboração dos *sites*, lembramos que essa atividade envolveu não apenas a escrita de textos, mas também outras competências, tais como: planejamento de um produto de comunicação; reflexão acerca do projeto gráfico; usabilidade para Internet; aplicação dos recursos de interatividade disponíveis na rede; prática de produção periódica de conteúdo; reflexão acerca das tecnologias de comunicação e informação; debate sobre mudanças na comunicação e no jornalismo; experimentações sobre uso de linguagens sincréticas em ambientes

4 Contamos com a importante contribuição das monitoras Paula Pereira Paschoalick e Mariana Della Dea Tavernari, mestrandas participantes do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da USP, nas atividades realizadas em 2006, 2007 e 2008.



digitais virtuais; noções de produção multimidiática; noções de redação e edição textual para Internet.

Dessas experiências, retomadas a seguir, ressaltamos o elevado grau de reflexão dos alunos ao longo do processo – que envolveu desde a criação dos *sites* até sua implementação e manutenção – e a alta qualidade dos conteúdos produ-

zidos. Cada grupo de alunos, portanto, desenvolveu um projeto de *site* e publicou, a cada semana, um ou mais textos, acompanhando a cobertura do tema e/ou publicação escolhidos. Os textos foram escritos de modo coletivo ou individual, utilizando diferentes recursos: *hiperlinks*, fóruns, listas de discussão, entre outros. Apresentaram, ainda, diferentes formatos: análises, críticas, matérias, artigos, entrevistas, reportagens, sempre sobre um tema atual, mantendo o caráter hipertextual e interativo dos *sites* a fim de potencializar os conhecimentos adquiridos.

CRÍTICA DAS MÍDIAS EM FORMATO HIPERTEXTUAL

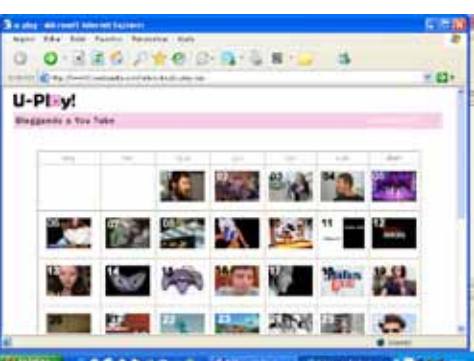
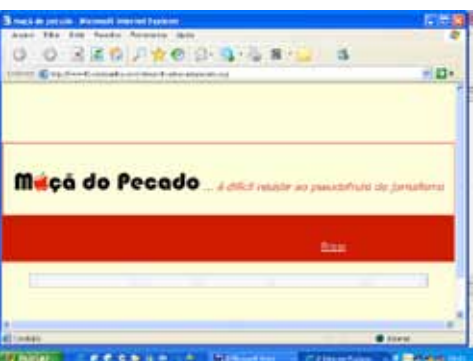
Ao longo de três anos, podemos observar transformações nas linguagens utilizadas nos *sites*. Ainda que façam parte de uma mesma proposta – a produção de hipertextos na Internet –, podemos perceber traços característicos de momentos de transição: em 2006, notamos marcas de textos em formato linear e não digital, com presença maior de autoria individual; menor uso de *links*; e estilo de escrita próximo ao dos jornais impressos. Como será notado em anos posteriores, a cada novo movimento essas produções hipertextuais foram encontrando suas formas próprias de expressão, tanto em termos verbais como visuais e, além disso, acentuando a confluência de linguagens.

Entre os *sites* desenvolvidos em 2006 – para muitos alunos, o primeiro contato com a construção de um ambiente multimídia e a exploração de conteúdos interativos em meio digital –, destacamos “Cultídia”, “Maçã do Pecado”, “Barraco Virtual” e “U-Play”. Com características distintas – o primeiro, voltado para a leitura crítica de editorias de cultura presentes na mídia; o segundo, voltado para a análise de programas televisivos populares; o terceiro, voltado para a criação multimidiática em espaço digital; e o quarto, voltado para a crítica de vídeos diversos veiculados no

site YouTube (naquele ano ainda em seu início) –, esses *sites* representam uma síntese consistente de usos e apropriações de linguagens digitais em formatos e conteúdos hipertextuais. Reproduzimos abaixo as principais páginas desses *sites*

para, posteriormente, contrastá-los com os de 2007 e 2008.

No segundo semestre de 2007, estendemos a proposta de crítica das mídias e os alunos que acompanharam mídias específicas (nacionais ou internacionais)



publicaram semanalmente colunas analíticas sobre sua cobertura. O acompanhamento foi feito por veículo, por tema, por editoria, por colunas em jornais, revistas, *sites*, *blogs*, televisão, publicidade, enfim, diferentes formas presentes nessas mídias, com livre organização dos grupos. Ao final das colunas semanais, os alunos escreveriam uma coluna final conjunta, sistematizando as observações realizadas e apontando as recorrências e dissonâncias encontradas.

Nessa segunda experiência, tendo em vista a complexidade de desenvolvimento de *sites* multimídia, optamos pelo uso da ferramenta *wiki*. Notamos que as limitações dessa ferramenta se fizeram notar, sobretudo, em termos visuais e de navegação, mas não em termos de conteúdo. As facilidades oferecidas em seu manuseio, e o forte grau de participação permitido, compensaram esses aspectos. Além disso, a familiaridade dos alunos com a ferramenta gerou resultados avançados em termos de diagramação e ampliação de seus recursos. Dessa forma, acreditamos que as possíveis barreiras decorrentes dessa opção tenham sido compensadas pela busca de soluções adequadas ao seu uso, preservando as características dos textos publicados e, ao

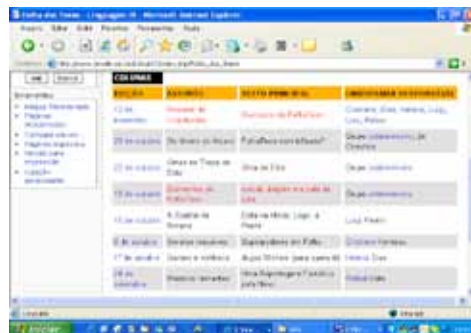
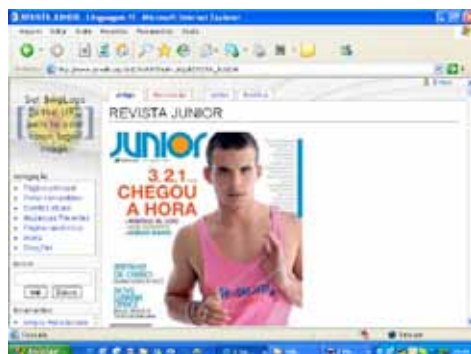
mesmo tempo, realizando um trabalho de experimentação de linguagens.

Um dos aspectos a serem destacados é a variedade de formas de organização propostas pelos grupos para essa atividade. Como não se tratava da realização de um único texto, mas do acompanhamento sistemático – durante um certo período de tempo – da cobertura midiática, foi necessário o estabelecimento de um cronograma mais rígido, além de uma divisão clara de tarefas. As formas foram variadas: alguns dividiram funções dentro do *site*, outros optaram por dividir os textos a serem escritos, outros dividiram por veículos ou editorias, e uma menor parte trabalhou de forma coletiva, com a escrita colaborativa de textos não assinados.

É curioso notar que a maior parte dos grupos escolheu tratar de mídias impressas (a análise audiovisual foi proposta, mas a dificuldade de gravação mostrou-se como obstáculo), e não de temáticas específicas. Análises comparativas fizeram-se presentes, e como ponto positivo ressaltamos a escolha por jornais e revistas ainda pouco explorados. Abaixo reproduzimos algumas das páginas criadas em 2007⁵.



5 Os links para acesso aos textos encontram-se em: www.jorwiki.usp.br/L3mat07 (matutino) e www.jorwiki.usp.br/L3not07 (noturno), tópico Linguagem IV. Apenas a então recém-lançada *Revista da Semana* e a revista *Trip* foram escolhidas por mais de um grupo.



Dos wikis realizados em 2007, destacamos: as análises de *Nova* e *Playboy*, selecionando algumas matérias de cada revista para contrastá-las em termos de representações do feminino e do masculino, a exemplo de outro site, que comparou as revistas *Trip* e *TPM*; a original crítica do suplemento juvenil

“Folhateen”, do jornal *Folha de S. Paulo*; o acompanhamento abrangente da editoria internacional dos jornais *El País* (Espanha), *New York Times* (Estados Unidos), *Le Monde* (França) e *The Guardian* (Inglaterra); e os textos sobre as pouco conhecidas publicações *Revista Junior* (para público adolescente) e

Destak (um jornal de distribuição gratuita, segmento que vem ganhando força com a consolidação do jornal *Metro*).

CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DIGITAIS: EXPERIMENTAÇÕES DE LINGUAGENS

No ano de 2008 propusemos novamente o trabalho de crítica das mídias, com a diferença de que, dessa vez, os *sites* foram produzidos em formato de *blogs*. Ainda que deversem ter caráter coletivo em sua organização – já que os *blogs*, geralmente, são escritos por um único autor –, houve liberdade na escolha dos temas, nas formas de apresentação dos textos e de organização dos grupos. Com a ampliação da proposta, percebemos a consolidação dos *sites*, talvez porque, além da produção de textos e do uso de ferramentas digitais, uma outra questão se impôs: a preocupação com o

caráter público dos *blogs*, visando a atingir outros leitores que não os próprios alunos. Destacamos a opção pelo uso da ferramenta *wiki* por alguns grupos, justamente por suas possibilidades maiores de interatividade e colaboração. É interessante notar como, nesses grupos, a preocupação com a proposta visual dos *sites* foi marcante – para que não parecessem menos atrativos do que os *blogs* –, com incorporação de diversos recursos em sua formatação e diagramação.

Ao longo dos anos, notamos maior hibridismo de linguagens digitais, inclusive com uso de cores, formas, tabelas, imagens e *links* de maneira mais sofisticada. Isso é valioso se considerarmos as limitações estéticas e gráficas impostas pelos modelos de *blogs* ou pela ferramenta *wiki*, que possuem preocupação mais textual do que visual. Não apenas na escrita, mas também na apresentação, foram buscadas soluções mais próximas daquilo que entendemos ser o *discurso jornalístico*. Reproduzimos, uma vez mais, algumas das páginas dos *sites*⁶.

6 Os links dos sites destacados encontram-se em: www.jorwiki.usp.br/linmat07 (matutino) e www.jorwiki.usp.br/linnot07 (noturno), tópico Linguagem IV.





Nos *blogs* e *wikis* acima, notamos variedade de escolhas, como nos outros anos, mas também diversificação em termos das propostas. O *blog* “Unidos pela Fé” apresentou olhares sobre a cobertura religiosa da imprensa brasileira de forma ampla, por meio da análise regular de quatro veículos de comunicação impressa (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Veja*). O *blog* “Contadores de Histórias” propôs realizar uma análise crítica do jornalismo literário, tratando de revistas caracterizadas por grandes reportagens, como *Piauí*, *Rolling Stones* e *Brasileiros*. “Desbravar Weblog” analisou, no campo do jornalismo cultural, as diversas editoriais da revista *Bravo!*, da Editora Abril – o *blog* foi divulgado na própria revista como espaço de reflexão sobre a mesma. Os *blogs* “Amplifika”, “Discutindo com Torero” e “Observatório do Meio Ambiente na Imprensa” trataram, respectivamente, da cobertura especializada de música, das diversas produções do jornalista José Roberto Torero e de temas ambientais presentes nas mídias. Finalmente, os *wikis* “Tudo o que Elas Querem” e “Jornalismo Internacional”



realizaram análises comparadas das revistas *Claudia*, *Nova*, *Gloss*, *TPM* e *Malu* (esta voltada para mulheres das classes C e D), e das editoriais internacionais de diversos jornais e revistas estrangeiros, retratando sua cobertura por regiões (América Anglo-Saxônica, Europa, Ásia Oriental, América Latina, África e Oceania, Oriente Médio). As escolhas demonstram o comprometimento e a originalidade das propostas.

Em relação aos textos de crítica das mídias – cujos *sites* apresentam de forma abrangente o acompanhamento rigoroso e criativo de sua cobertura –, destacamos o caráter singular e ousado das escolhas dos

jornais, revistas e temas analisados, bem como os resultados encontrados. Em 2006, a construção dos *sites* em si foi trabalhosa e desafiadora; em 2007 alcançamos um grau equilibrado no aprofundamento dos temas a partir da ferramenta *wiki*; e, em 2008, com o uso de *blogs* muito semelhantes àqueles disponibilizados na Internet, obtivemos resultados que demonstram o aumento constante dessas formas textuais interativas. Nesses *sites*, pudemos observar integração e participação de cada um dos autores, bem como seriedade na análise das mídias.

O presente artigo apresenta, desse modo, uma experiência concreta e seus pontos de inflexão teórica, refletindo sobre as transformações e convergências nas linguagens presentes no ciberespaço. Esse trajeto delinea o potencial da experiência

e seus benefícios para a área acadêmica em pelo menos dois polos fundamentais – professores e alunos –, abrindo caminhos para a produção (hiper)textual em sala de aula, notadamente em cursos que utilizam o texto como ponto nodal de trabalho.

Acreditamos, com essa proposta, amplificar as possibilidades de produção de hipertextos colaborativos, explorando as fronteiras das mídias digitais especialmente no que diz respeito à interação entre linguagens. Sobretudo, acreditamos ser esta uma contribuição para o estabelecimento de novos referenciais a partir dos quais pensar o fazer jornalístico e a crítica das mídias e, mais do que isso, problematizar as definições e rumos da produção jornalística (hiper)textual. Trajeto marcado por perguntas e questões que se desdobram em novos desafios.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge, MIT Press, 1999.
- CHARTIER, R. *A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador*. São Paulo, Unesp, 1998.
- DEBRAY, R. *Vida e Morte da Imagem. Uma História do Olhar no Ocidente*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DERRIDA, J. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo, Perspectiva, 1995.
- ECO, U. *Lector in Fabula*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2002.
- FOUCAULT, M. *O que É um Autor?* Lisboa, Vega, 1992.
- GANS, H. *Democracy and the News*. New York, Oxford University Press, 2003.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2ª ed. São Paulo, Aleph, 2008.
- KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Lisboa, Edições 70, 1974.
- LÉVY, P. *O que É o Virtual?* Rio de Janeiro, 34, 1996.
- LYOTARD, J.-F. *L'Inhumain. Causeries sur le Temps*. Paris, Galilée, 1988.
- MAFFESOLI, M. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.
- MANOVICH, L. *The Language of New Media*. Cambridge, MIT Press, 2001.
- MURRAY, J. H. *Hamlet no Holodeck. O Futuro da Narrativa no Ciberespaço*. São Paulo, Itaú Cultural/Unesp, 2003.
- PLATÃO. *Fedro*. Lisboa, Guimarães, 2000.
- QUÉRÊ, L. "A Informação como Ciência-ficção. Uma Narrativa Fundadora", in *Des Miroirs Équivoques*. Paris, A-M, 1982.
- SCHUDSON, M. "Creating Public Knowledge", in *Media Studies Journal*, v. 9, n. 3. New York, Columbia University, 1995.
- WERTHEIM, M. *Uma História do Espaço. De Dante à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.